

ALADI/CR/Ata 757  
(Extraordinária)  
20 de dezembro de 2000

ATA DA 757ª SESSÃO DO  
COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

- Incorporação ao Comitê de Representantes do Excelentíssimo Senhor Embaixador Rodrigo Arcaya Smith, Representante Permanente da Venezuela.

---

Preside:

JOSÉ MARÍA CASAL

Assistem: Carlos Onis Vigil e Gustavo Vivacqua (Argentina), Willy Vargas Vacaflor e María Elena García de Baccino (Bolívia), José Artur Denot Medeiros, Afonso José Sena Cardoso, Eduardo Paes Sabóia, Haroldo de Macedo Ribeiro e Otávio Brandelli (Brasil), Héctor Casanueva Ojeda e Flavio Tarsetti Quezada (Chile), Arturo Sarabia Better e Guillermo Serna Meléndez (Colômbia), Miguel Martínez e Fidel Ortega Pérez (Cuba), Julio Prado Espinosa (Equador), Arturo Juárez Juárez (México), José María Casal, Ruben Ramírez Lezcano e Gloria Irma Amarilla Acosta (Paraguai), Carlos Higuera Ramos e Carlos Vallejo Martell (Peru), Elbio Rosselli e José Roberto Muinelu (Uruguai), Rodrigo Arcaya Smith, Nancy Unda e Magdalena Simone (Venezuela) e Guillermo Estrada Strecker (Guatemala).

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas Penso.

Secretário-Geral Adjunto: Leonardo F. Mejía.

---

PRESIDENTE. Está aberta a 757ª sessão, extraordinária, do Comitê de Representantes para a incorporação a este Comitê do Excelentíssimo Senhor Embaixador Rodrigo Arcaya Smith, Representante Permanente da Venezuela.

Senhor Embaixador, em nome do Comitê de Representantes tenho a honra de dar-lhe as mais cordiais boas-vindas a este Comitê.

Rodrigo Arcaya é nascido em Caracas, engenheiro mecânico, um homem da América Latina.

Desempenhou-se como Embaixador no Peru, foi membro do Acordo de Cartagena, foi Diretor do Instituto de Comércio Exterior da Venezuela, ocupando vários cargos nessa área. Entre outras atividades, foi Representante do Setor Privado Industrial Venezuelano junto ao Acordo de Cartagena, Membro Permanente da Comissão de Integração Econômica da FEDECAMARAS, Assessor do Ministro de Fomento.

Foi coordenador no Acordo de Livre Comércio do Grupo dos Três, além de Coordenador nesses Grupos foi um dos criadores e executores, nós o conhecemos desde o início, participou das negociações comerciais entre a Venezuela e o Peru, nas Reuniões de Alternos e Titulares junto à Comissão do Acordo de Cartagena e na Primeira e Segunda Reunião de Negociação Grupo Andino-MERCOSUL.

Rodrigo, este Comitê se sente muito feliz de recebê-lo, contamos com seu grande apoio e com sua luz, que será importante para todos nós. Seja bem-vindo!

Cedo a palavra ao Senhor Secretário-Geral, seu compatriota, que nos comentou sobre o longo tempo que se conhecem e sobre a felicidade de tê-lo aqui no Comitê. Muito obrigado.

SECRETÁRIO-GERAL. Muito obrigado, Senhor Presidente. Em primeiro lugar, em nome da Secretaria-Geral e, logicamente, no meu próprio dou as mais cordiais boas-vindas ao Embaixador Arcaya ao iniciar suas atividades aqui no Comitê de Representantes.

O Senhor Presidente leu uma síntese do currículo de Rodrigo e sua vinculação com o mundo da integração. O que não foi lido aí e que eu desfrutei, e espero que todos desfrutem, de sua grande qualidade humana e de sua amizade.

Com Rodrigo nos une uma amizade, não digo de quanto tempo e de quantos corre-corre juntos em nossas vidas pessoais e profissionais, mas quero destacar neste momento, principalmente, Senhor Presidente, a grande qualidade humana de Rodrigo, seu grande espírito de colaboração e seu grande conhecimento sobre esta matéria, que com toda certeza futuramente será uma grande contribuição para os trabalhos do Comitê de Representantes e, logicamente, contando com o apoio que nós, como Secretaria-Geral da Associação, permanentemente damos aos órgãos políticos.

Saiba, Rodrigo, que esta Casa, que transitoriamente está sendo administrada por mim, é também sua casa, uma casa pessoal. Em sua atividade profissional, além de contar com um amigo, contará com uma equipe completa, que o apoiará em tudo aquilo que for necessário para o melhor desempenho de suas funções; por isso novamente, em meu nome e em nome da Secretaria-Geral e de todos seus funcionários, queremos dar-lhe as mais cordiais boas-vindas e dizer-lhe que nos sentimos muito contentes com sua incorporação a este Comitê e muito felizes de contar com sua presença aqui em Montevideú. Muito obrigado, Senhor Presidente.

Representação do PERU (Carlos Higuera Ramos). Obrigado, Senhor Presidente. Minha Representação sente hoje um especial prazer ao receber o distinto Embaixador Rodrigo Arcaya, Representante Permanente da Venezuela.

Não apenas como Embaixador no Uruguai e na ALADI, mas por ter representado seu país no meu, com grande êxito. Penso que o Embaixador Arcaya conhece mais sobre o Peru do que eu mesmo, porque, além de ter sido representante de seu país, foi também Membro da Junta de Cartagena durante longos anos. Creio que quase uma década, ou seja que viajou, conhece e viu muitas coisas que às vezes a gente não teve a oportunidade de ver e conhecer.

Não gostaria de ser irônico; os senhores sabem que a ironia não é o meu forte, mas creio que o fato do Senhor Embaixador Arcaya ser engenheiro-mecânico será muito valioso para nós, pois é precisamente o que necessitamos para a ALADI: muita engenharia e muita mecânica para poder levar adiante a tarefa que nos foi encomendada pelos Ministros. Por isso minha Representação, meu país, sente que um homem novo para uma tarefa nova, como a que empreenderemos a partir de janeiro do próximo ano, é muito bem recebido e muito particularmente gostaria de dar-lhe as boas-vindas. Obrigado.

Representação da VENEZUELA (Rodrigo Arcaya Smith). Aproveitando minha condição de engenheiro, e para felicidade dos senhores, não tenho discurso, tenho algo que os engenheiros chamamos "chuleta", na Venezuela; são simplesmente umas anotações e o faremos devido ao que chamamos "um problema da alma", "almanaque"; esquecemos as coisas; então, necessitamos o "almanaque" quando temos que recordar algo.

Antes de mais nada, quero agradecer as palavras a mim dirigidas, as quais me comprometem. Eu já estava comprometido, mas estas palavras me comprometem ainda mais. Assustam-me um pouco, porque me consideram uma espécie de perito que sabe tudo sobre integração e que tratará de dar aqui soluções. O que devemos fazer, não creio que será tão fácil. Evidentemente, tenho alguns conhecimentos por ter trabalhado tanto tempo em integração, mas a integração é muito complexa, é muito difícil; é tratar de fazer dormir em um pau vinte, neste caso seriam doze galinhas, colocá-las todas em um mesmo pau para que durmam. Tratem de fazê-lo, e verão que é a coisa mais difícil do mundo.

Será uma grande honra para mim trabalhar aqui com os senhores, com Representantes que conheço muito, alguns há muito tempo. Faz um mês que estou aqui, estive em anteriores oportunidades e conheci alguns, mas ainda me falta conhecer outros.

Sei da experiência de muitos dos senhores, sei dos conhecimentos que têm sobre integração e espero que, em forma conjunta, como deve ser, saíamos adiante neste Comitê de Representantes.

Desejaria falar sobre os delineamentos básicos da política de integração da Venezuela para que não se surpreendam quando fale de algumas coisas no transcorrer do trabalho e que saibam com que base estamos entrando na negociação da ALADI e os princípios com os quais nos regemos; logicamente, algumas reflexões que posso fazer com os senhores como colegas e amigos.

O primeiro que quero ressaltar é que a Venezuela, evidentemente, é uma amante da integração. Por princípio, integracionista, por origem, integracionista, devido à nacionalidade do Libertador Bolívar, principal integrador da América, o que nos torna necessariamente um país integracionista. Sempre demonstramos estar acordes com a integração e principalmente com o caminho da integração latino-americana. Aí estaria nosso primeiro princípio básico; somos firmes crentes e apoiamos tudo que seja integração latino-americana.

E não apenas integração latino-americana, desta palavra que às vezes, na atualidade, torna-se etérea, como é a integração.

A integração, propriamente dita, fala muito da zona de livre comércio, com a qual, ao meu ver, não é uma integração, é um facilitador, é um caminho que pode conduzir à integração, mas é um facilitador de comércio, a zona de livre comércio. Portanto, queremos ir além de uma integração, de uns acordos de livre comércio ou tarifários; queremos ir a uma integração política.

Muitos dos senhores, creio que quase todos, estiveram presentes quando veio nosso Presidente Hugo Chávez Frias e falou disto. A meta que nos tratamos é tratar de fazer uma integração política na América Latina.

Muito além da integração que estamos pensando. Creio que realmente vale a pena fazer o esforço. O que nos resta, e principalmente aqui neste Comitê de Representante e, logicamente, em outras áreas, em outros foros como o Andino, MERCOSUL, é dar o rumo à integração e os passos que devemos dar para lograr essa integração política.

De modo que me verão lutando aqui para que quando se fale de avanço da integração encontrem um apoio da Venezuela para que se concretize ainda mais esta integração latino-americana.

Evidentemente, para isso se necessita uma vontade política dos países. Em reiteradas oportunidades os Presidentes se reuniram e demonstraram essa vontade política. Creio que esta vontade política devemos tratar de fortalecê-la e torná-la real. A parte mais difícil é converter essa vontade política em fatos concretos em matéria de integração.

Sempre se disse que a integração não é um fim; evidentemente, é um meio para alcançar o desenvolvimento. Eu creio firmemente nisto. Não creio que devemos integrar-nos simplesmente porque queremos integrar-nos, senão que é um meio através do qual poderemos alcançar o desenvolvimento.

Nosso desafio, e não devemos esquecer isso, por este motivo trago à lembrança nosso desafio principal, do ponto de vista técnico, é que passemos de produtores de matérias-primas a produtores de manufaturas ou àqueles de maior valor agregado. Enquanto não abandonarmos esse esquema de produtores de matérias-primas e não passarmos a ter produções de maior valor agregado não sairemos do subdesenvolvimento. Isto nos leva, então, irremediavelmente, em um mundo globalizado como estamos, a que tenhamos que lutar pela competitividade.

Sem competitividade, em um mundo como estamos não poderemos incorporar-nos a esse mundo globalizado. Portanto, o desafio da competitividade é muito importante e neste caso, também a integração, a meu modo de ver, e era o que dizia Prebisch, a integração buscará aumentar a competitividade das produções latino-americanas.

A competitividade não se consegue da noite para o dia, e isso está claro. Competitividade é um processo de aprendizagem. Isso me traz à colação algo que me contaram há muito tempo. Perguntaram a um empresário de êxito: em poucas palavras, empresário, porque o senhor teve tanto êxito? Respondeu o empresário com duas palavras: boas decisões. E como conseguiu essas boas decisões? Porque de alguma maneira deve ter logrado essas boas decisões. Uma palavra: experiência. E como obteve essa experiência? Participando de muitas atividades. Qual seria essa palavra para conseguir essa experiência? Duas palavras: más decisões.

Trago isso à colação porque creio que competitividade é agora uma palavra de moda, mas é um fato. A competitividade não a conseguimos simplesmente porque a decretamos, porque digamos liberamos, abrimo-nos ao mundo. Isso se obtém com o tempo, isso se logra com más decisões, experiências e boas decisões.

Evidentemente, esta integração latino-americana na qual estamos empenhados, como a Venezuela e, evidentemente, a América Latina e o Caribe. Não sei por que às vezes falamos tanto, integração latino-americana e do Caribe, mas há que fazê-la, a integração latino-americana, do Caribe e da América Central. Isso evidentemente nos levará a fazer-nos uma pergunta, para a qual todos estamos aqui: o que faz a ALADI em tudo isto?

A ALADI, em que intervirá, que faremos, já que temos o Tratado de Montevideu 1980, cujo primeiro princípio, a meu modo de entender, estamos violando, pois aí estabelece claramente que temos que ter um mercado comum, diz a longo prazo, mas creio que 20 anos é longo prazo e não fizemos nada sobre o mercado comum latino-americano, sobre o primeiro artigo. Creio que devemos refletir sobre esta matéria, mas o importante é que faremos com a ALADI. Realmente, temos que sentar-nos para decidir qual será o caminho da ALADI. Um caminho pode ser que a ALADI realmente não funciona, que o melhor é caminhar através de blocos, em forma bilateral dentro da América Latina, que é o caminho da convergência. Esse pode ser um caminho.

Por isso, quando o Conselho de Ministros das Relações Exteriores acordou que a melhor forma de obter, qual será o caminho da ALADI, era fazer uma avaliação e aqui se pôs ênfase sobre o estudo da avaliação do que tem sido a ALADI e o que se pode fazer pela ALADI, qual seria seu objetivo, nós lhe

daremos muita importância, de tal maneira que esse outro aspecto, que ressaltamos é que lhe daremos muita importância, creio que o principal, se não for o único. Os outros serão secundários. É a avaliação que faremos sobre o processo e a intervenção da ALADI nesse processo.

Não quero deixar de mencionar algo que na Venezuela se vem comentando há muito tempo o que é a ALCA. Aí há uma posição, eu diria de cuidado; creio que a ALCA é um propósito bom, um propósito que devemos alcançar, um propósito que temos que lutar todos para que essa negociação do livre comércio na América aconteça, mas, repito: creio que há que andar com cuidado.

Não podemos abrir-nos tão rapidamente com países desenvolvidos porque, a meu modo de ver, a velocidade de abertura com a ALCA vai diretamente proporcional. Falando em termos de engenharia, que nos mantenhamos como produtores de matérias-primas e produtos semi-elaborados e estaremos outra vez no mesmo, estaremos em um mundo onde somos produtores de matérias-primas, produtores de semi-elaborados, os preços descem, caímos em crises, voltamos outra vez a um círculo vicioso, onde temos que fechar fronteiras porque o balanço de pagamentos não nos permite, e caímos novamente em um processo repetitivo do passado que todos já conhecemos.

De modo que, do ponto de vista da ALCA, apoiamos, participamos das discussões, mas estamos fazendo-o com muito cuidado.

Creio que a globalização é um desafio para nós, consideramos que a globalização é um fato, inclusive não vemos fórmulas de que esta globalização retroceda, do mesmo modo que a ALCA. Nestas negociações feitas na OMC, que permitem uma globalização, também há que andar com muito cuidado, mas devemos tomar como um desafio de participar dela e aqui fecho meu círculo. Creio que a única resposta que temos nós, latino-americanos, e em geral os países em desenvolvimento para lograr enfrentar e aproveitar da globalização é com uma só resposta: a integração. Novamente, muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Muito obrigado, querido Embaixador. Estamos certos de que Vossa Excelência será uma contribuição importantíssima para este Comitê. Com estas palavras damos por encerrada a sessão e convidamos o Senhor Embaixador Arcaya para um vinho de honra.

---